

APRESENTAÇÃO ONLINE - III - PSICOLOGIA E QUESTÕES
CONTEMPORÂNEAS

**ENTRE ESQUIVA E ABERTURA: DISCUSSÃO FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAL DE UM CASO CLÍNICO**

Bruna Alves Schievano (brupsico11@hotmail.com)

Marcelo H Oliveira (marcelohenriqueoliveira@gmail.com)

Pedro Vitor Barnabé Milanesi (pedro_milanesi@yahoo.com.br)

Tassiani Turra (tassianiturra@gmail.com)

Segundo Heidegger, habitar é a forma mais essencial de estarmos no mundo. A palavra tem raízes no antigo alemão *buan/bauen*, que significa construir e habitar, e carrega a ideia de permanecer, morar e existir. Isso mostra que construir não é apenas uma tarefa técnica, mas uma expressão do nosso modo de ser. Portanto, habitar vai além de simplesmente ocupar um espaço físico; trata-se de uma abertura que conecta o ser humano ao mundo, sendo fundamental para a criação de lugares e significados. Quando esquecemos essa dimensão do habitar, perdemos o que é mais próprio em nossa existência, frequentemente substituído por formas de evasão e dispersão no nosso cotidiano. Nesste contexto, o objetivo da apresentação é discutir o lugar do sofrimento humano na clínica a partir das noções de afetividade e habitar

formuladas por Heidegger. Para tanto, apresentamos a narrativa fictícia produzida a partir dos registros e supervisões de um caso clínico onde, após o fim de uma relação significativa, o paciente não consegue retomar suas antigas formas de distração e fuga, permanecendo emocionalmente envolvido na experiência vivida. Essa situação revela uma suspensão dos modos habituais de esquiva, colocando-o em contato direto com seu sofrimento. A partir desse quadro, propomos uma reflexão teórica baseada em uma abordagem fenomenológico-hermenêutica. Ao aprofundar a análise, percebemos que o dia a dia, muitas vezes dominado por dispositivos técnicos e pela lógica da ocupação constante, tende a encerrar o paciente numa abertura restrita de mundo, promovendo atitudes de indiferença e ocultamento. Em contraste, a impossibilidade de fugir da dor observada no caso pode ser vista como um momento especial de abertura existencial, onde o sofrimento não é algo a ser eliminado, mas um caminho para acessar a verdade da experiência enquanto história. Nesse sentido, a afetividade se revela como uma dimensão primordial, anterior ao conhecimento racional, capaz de mostrar a existência em sua condição de peso por ser incerta e desprovida de determinação prévia. A ideia de 'jogado' (Geworfenheit) — ser lançado numa condição que não escolhemos — evidencia o caráter inevitável da nossa facticidade, configurando um limite fundamental da existência. Diante disso, o caso mostra como é possível compreender a clínica como um espaço que acolhe essa abertura, promovendo um modo de habitar que não busca fugir do sofrimento, mas sustentar a experiência em sua complexidade.

Palavras-chave: fenomenologia existencial; habitar; martin heidegger; psicoterapia.